

**BILINGÜISMO E AS REDES DE  
COMUNICAÇÃO NA COMUNIDADE  
UCRANIANA DE CASCAVEL**

MEZAVILA, Albertina<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte de um projeto mais amplo, a dissertação de mestrado defendida em dezembro de 2007, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Clarice Nadir von Borstel.

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar e analisar, com base em uma pesquisa sociolinguística, alguns dados sobre bilingüismo e redes de comunicação, ressaltando a importância da relação língua/religião para a manutenção de uma língua étnica de um grupo minoritário na cidade de Cascavel. Nesse caso, trata-se da comunidade ucraniana de Cascavel, a qual apresenta como marca, a religiosidade, representada pelo rito Bizantino da Igreja Greco-Católica Ucraniana. Objetivou-se analisar os fatores embrenhantes do bilingüismo situacional e as condições, os motivos que tornam a preservação e a manutenção da língua e da cultura possíveis nesse grupo. O estudo evidenciou que a religião é forte aliada na manutenção e na preservação da língua, bem como no imaginário simbólico dessa etnia, por apresentar ritos que ainda são realizados na língua de origem. Desse modo, é por meio dela que a identidade étnica e cultural se mantém, ao mesmo tempo em que contribui para abrandar o estigma. Nesse sentido, as famílias e a igreja são preponderantes na manutenção da língua e da cultura ucraniana. Ainda é possível afirmar que a identidade, a cultura e a língua constituem a força motriz da comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** bilingüismo, língua, religião.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present and analyze, on the basis of a sociolinguistic research, some data about bilinguism and communication nets, outstanding the importance of the religion/language relation for the maintenance of a minority ethnical group's language in Cascavel City. In this case, it's about the Ukrainian community in Cascavel, which presents as a trait, the religiousness, represented by the byzantine ritual of the Ukrainian Greco-Catholic Church. The aim was to analyze the concerned factors of the situational bilinguism, the reasons that enable the preservation and maintenance of the language and culture in that group. The study evidenced that the religion is a strong ally, maintaining and preserving the language, as well as in the imaginary symbolic tradition of this ethnical group, by presenting rites that are still performed in their mother language. Therefore, it is through the language that the cultural and ethnical identity is maintained, meanwhile contributing to lessen the stigma. This way, the families and the church are preponderant maintaining the language and the Ukrainian culture. It is even possible to affirm that the identity, the culture and the Ukrainian language is the motion strength in the community.

**KEYWORDS:** bilinguism, language, religion.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas no campo da sociolinguística têm comprovado a existência de bilingüismo/multilingüismo no mundo. O Brasil, mediante a pluralismo lingüístico, societal e cultural, é um país que apresenta tradições e particularidades

de línguas que interferem e que podem ser interferidas por outras línguas, ou, ainda, podem se manter através das gerações como marca de uma identidade de um grupo, ou como elemento importante para o acontecimento da interação no mesmo. Desta forma, apresenta-se como um país multilíngüe pela coexistência de várias línguas provenientes da colonização, de imigração, entre outros fatores. Por assim ser, a hibridização das línguas européias, indígenas, africanas, asiáticas, orientais e outras, estas apresentam traços de uma aculturação lexical e a variação lingüística no português brasileiro.

Esse intercâmbio entre as mais variadas línguas originou situações de bilingüismo evidenciados nas minorias lingüísticas, através de pesquisas como as de Borstel (1999), Ogliari (1999), Cavalcanti (1999), Pereira (1999). Além disso, essa complexidade lingüística, caracteriza-se por conflitos que decorrem da relação língua, identidade e cultura.

Assim, justifica-se um estudo que aponta os aspectos sócio-culturais e identitários que colaboram na manutenção da língua/cultura da comunidade ucraniana de Cascavel, município localizado na região oeste do Paraná.

A partir de uma pesquisa etnográfica fez-se um trabalho com as pessoas que participam ativamente na comunidade religiosa: o Padre, as Irmãs, o Presidente da AUVEL<sup>2</sup>, o Presidente do grupo folclórico *Sonhachneck* e o professor de língua (CELEM)<sup>3</sup>. Também foram realizadas entrevistas com cinco participantes das aulas de ucraniano (crianças, adolescentes e adultos); cinco participantes do grupo folclórico *Sonhachneck* (jovens); cinco participantes da igreja (adultos e idosos) e cinco famílias descendentes, sendo que duas vivem no interior, e três no perímetro urbano da cidade. Totalizando quarenta e cinco entrevistados na comunidade ucraniana de Cascavel.

A escolha dos participantes da pesquisa, que são as pessoas influentes na comunidade, e algumas famílias, parti-

---

2 Associação Ucraniana de Cascavel.

ram-se das seguintes variáveis: (a) a família devia ser descendente de ucranianos (pai ou mãe ou ambos) ou imigrantes; (b) ser bilíngüe (pelo menos os patriarcas); (c) a família devia estar enraizada na região onde se está realizando a coleta de dados.

Para tanto, realizou-se um trabalho com as pessoas que fizeram, e/ou que participaram da história da comunidade, membros participativos da igreja e famílias descendentes de ucranianos. Por meio das entrevistas foi possível obter dados sobre a situação lingüística em foco.

## 2. A LINGUAGEM E A INTERAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA

Como princípio teórico orientador compartilha-se da reflexão de que é impossível desvincular a língua da sociedade. Desse modo, sociolingüística constitui-se “um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade focalizando precipuamente os empregos concretos da língua” (MOLLICA, 1991:116).

O termo língua possui várias definições. Sendo que a mais ampla é aquela que trata a língua como um sistema de símbolos, o qual é flexível, pois sofre mudanças com o transcorrer dos tempos. Segundo Bakhtin (1982:90) a língua é um sistema de normas mutáveis, o qual sofre mudanças constantes e ininterruptamente.

A linguagem é parte integrante da vida do ser humano, pois é empregada como meio de comunicação, o que a elege como sendo fator imprescindível nas relações sociais. Ou seja, através dela o sujeito está inserido ao seu grupo social, como a toda sociedade. Ela está relacionada à interação social que pressupõe ação, pois é através dela que o ser humano age e interage em seu meio, mostrando e construindo o seu papel histórico-social em um determinado tempo.

A linguagem é viva, sofre mutações e pode transformar o mundo. Possui uma natureza social, na qual está inserido o caráter dialógico e interacional da língua, pois tudo o que se diz ou se escreve, dirige-se a interlocutores concretos que,

numa relação dialógica, trocam idéias sobre o mundo. Assim sendo, o conhecimento se constrói nesse processo de interação.

Damke (1998) expõe que quando falamos em identidade, bem como em a língua/linguagem, estamos nos referindo a algo que é dual, ou seja, a língua é

ser individual, mas ao mesmo tempo ser também coletivo (...) Não se pode falar em língua, variação lingüística, sem que esteja ligada à identidade do próprio falante. Por outro lado, também não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, do aspecto cultural, e portanto também, da própria identidade lingüística (1998:19).

Ogliari (2001) contribui com essa reflexão, ao expor que ao se estudar os contextos, bem como os eventos de fala, descobre-se que as línguas apresentam características que lhe são inerentes, ou seja, “são dinâmicas e variáveis por natureza. Isso equivale a dizer que não estão prontas, que a diacronia existe na vida de qualquer comunidade lingüística” (2001:59).

Essas características tornam a língua “um sistema intrinsecamente heterogêneo em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extra-lingüísticos, ou seja, fatores estruturais e sociais tais como idade, sexo, etnia, escolaridade, estilo” (MATOS E SILVA, 1996:27).

O bilinguismo é comumente compreendido como “uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até o domínio completo de mais de uma língua.” (MACKEY, 1968, *apud* BORSTEL, 1992:09) Desse modo, o bilingüismo passa a ser considerado uma competência lingüística que sofre variações diferenciadas, de acordo com o indivíduo, ou seja, é o bilingüismo relativo que envolve questões de grau, alternância, interferência, função.

Portanto, segundo Mackey (1968), para ser bilíngüe não é preciso dominar as quatro habilidades básicas: falar, ler, escrever, entender. O que sugere que o uso da língua pode acontecer em diferentes graus (da competência mínima ao domínio completo de duas línguas).

Skutnabb-Kangas (1988), ao citar Haugen (1956), diz que se pode considerar falante bilíngüe aquele que, além de adquirir a língua materna na infância, também adquire outra

língua numa outra circunstância, de modo que seja competente lingüisticamente, isto é, que domine a língua, tanto no grupo ocupacional como no grupo social ao qual pertence.

Heye (2003) expõe que é preciso relativizar o fenômeno bilingüismo, ou seja, é preciso considerar o ambiente e as condições de desenvolvimento do bilingüismo, pois contextos diferentes nos quais os sujeitos estão imersos sugerem domínio de duas línguas de forma diferenciada. Logo, “a condição de bilíngüe se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas” (2003:232).

Heye (2003) explicita que alguns fatores são responsáveis pela caracterização de situações bilíngües: “comunidades lingüísticas, pelos papéis e as funções sociais, o status relativo dos falantes e das línguas, o tópico e o domínio lingüístico e social” (HEYE, 2003: 233). Assim, pode-se dizer que o bilingüismo sofre mudanças de acordo com o contexto, com a idade de aquisição, bem como com a variação de uso da língua durante a vida, pois os fatores sociais, familiares, escolares, comportamento e trabalho podem contribuir para a diferenciação no decorrer da vida.

Ogliari, fundamentada em Savedra (1994), afirma que

o bilingüismo representa apenas o uso funcional das línguas, num determinado estágio vivencial do indivíduo, não sendo, portanto, a representação real do uso de ambas as línguas durante toda a vida do falante. A condição de bilingüismo é estabelecida pelo contexto e forma de aquisição, logo não permanece a mesma durante a trajetória de vida dos indivíduos (2001:63).

A reflexão de Ogliari (2001) permite considerar que um indivíduo, ao se ausentar do contexto em que vive, ou até mesmo, ao continuar no contexto, pode mudar o seu estilo de vida, como num casamento interétnico, por exemplo. Obrigatoriamente perderá ou mudará o *status* de falante bilíngüe, pois ser bilíngüe ou não está intimamente relacionado ao contexto em que vive, seja família, ou comunidade.

Heye (2003:233) fala da existência de estágios distintos de bilingüismo, que são conhecidos por bilingüidade.

Nesse sentido, os indivíduos, “portadores da condição de bilíngüe”, passam por esses estágios no transcorrer da sua vida. Conforme o autor, “os estágios são vistos como processos situacionalmente fluidos, e definem de forma dinâmica a bicompetência lingüística, comunicativa e cultural, nas diferentes épocas e situações de vida.” Para o autor, é preciso avaliar a bilingüidade quanto à diferenciação que ocorre no ambiente social, no ambiente profissional, no ambiente familiar, no ambiente escolar, pois a tendência é sempre haver uma variabilidade de um ambiente para o outro.

Para Mello, “o falar bilíngüe, é talvez, o mais interessante porque diz respeito não apenas ao uso da língua, mas também às atitudes e ao comportamento das pessoas em relação ao meio social, às línguas e aos usuários” (1999:17).

No entanto, a própria autora sugere que

o contato entre línguas e culturas diferentes não é suficiente para que uma comunidade social torne-se bilíngüe ou multilíngüe. Igualmente importante são as atitudes que as pessoas têm em relação às línguas e aos membros das comunidades minoritárias, bem como às políticas lingüísticas a serem adotadas pela comunidade como um todo (MELLO, 1999:35).

A manutenção de uma língua étnica em outro meio ou a substituição desta pela língua oficial é originária de uma série de fatores, entre eles estão as causas sociais e comportamentais que conduzem para um ou outro evento.

Com base nos referenciais teóricos, desenvolveu-se o presente trabalho com o objetivo de verificar o bilingüismo e a bilingüidade.

### **3. AS REDES DE COMUNICAÇÃO DO FALAR UCRANIANO NA COMUNIDADE**

Nesta investigação é preciso abordar a teoria de redes de comunicação, pois as mesmas colaboram “para o diagnóstico da manutenção e/ou a mudança de uma variedade lingüística” (BORSTEL, 2002:11). Por assim ser, é possível verificar,

por meio desta pesquisa, as condições de bilingüismo no ambiente familiar, que favorecem a manutenção ou não do ucraniano na comunidade ucraniana de Cascavel, pois “as redes de comunicação social envolvem mais do que simplesmente a comunicação, elas formam a teia de ligação que compõe a rede íntima da vida diária, e como tal envolve os indivíduos em direitos e obrigações uns aos outros” (DOWNES, 1984:97 *apud* BORSTEL, 2002:11).

Bortoni-Ricardo (1989) aponta as atuais tendências para a inclusão das redes de comunicação nos estudos sociolingüísticos:

os estudos sociolingüísticos de redes têm-se ocupado principalmente de duas questões: a manutenção ou o deslocamento de línguas ou dialetos em comunidades tradicionais que começaram a sofrer influências modernizadoras, e a preservação de dialetos não-padrão de grupos territorialmente definidos em áreas metropolitanas. Estes grupos apresentam alto grau de coesão interna em virtude da polarização de valores sociais, étnicos, religiosos ou políticos (1989:170).

O fator de polarização dos valores enunciados por Bortoni-Ricardo (1989) também é verificado na comunidade ucraniana de Cascavel, pois o elo de ligação das pessoas está relacionado às práticas religiosas e familiares que são aglutinadoras e propagadoras da fé, ao mesmo tempo em que contribuem para a manutenção do sentimento de pertencimento ao grupo, o que caracteriza a identidade étnica/cultural.

Com relação aos estudos de análise lingüística bilíngüe, os pesquisadores Weinreich (1953), Mackey (1968), Gumperz (1982) e Skutnabb-Kangas (1988) consideram que duas línguas possuem função social diversa. Isso é comprovado na comunidade ucraniana de Cascavel, que apresenta o bilingüismo situacional, no qual os falantes usam alternadamente os dois códigos, língua ucraniana e língua portuguesa, de modo funcional.

Desse modo, as vivências particulares podem proporcionar as prováveis interações em uma ou em outra língua, conforme as exigências funcionais da língua e do próprio contato social. No microcosmo dessa pesquisa, a língua

ucraniana é destinada às interações na família e na igreja. A língua portuguesa é usada nas interações nas demais esferas sociais.

Nas entrevistas constatou-se que, nas famílias entrevistadas, os membros pertencentes, não passam da quinta geração, pois os pioneiros são da primeira geração e os demais são da segunda, terceira, quarta e quinta. Apenas em uma família é diferente: a matriarca era casada com um imigrante ucraniano que chegou ao Brasil com doze anos de idade, morou em Santa Catarina, casou-se e após alguns anos, mudou-se para Cascavel, sendo que ele é considerado o primeiro pioneiro ucraniano a chegar nessa cidade.

Mediante esses dados, procurou-se saber qual o contato que cada pessoa possuía com a língua ucraniana. Para tanto, foi considerado apenas o falar da língua ucraniana, não abrangendo a escrita e a leitura, pois conforme Grosjean (1982, *apud* MELLO, 1999:43- 44) não há "bilíngües verdadeiros (...) capazes de funcionar igualmente bem em duas ou mais línguas em todos os domínios". Desse modo, "ninguém conhece uma língua em todos os seus aspectos, mesmo que esta língua seja a nativa, assim como é difícil comparar graus de conhecimento entre as duas ou mais línguas de que um indivíduo dispõe" (MELLO, 1999:41-42). Por isso, atentou-se para a possível relação/contato existente entre o ucraniano e o português, e não para o grau de utilização do idioma.

A primeira geração declarou que a língua ucraniana foi a primeira língua com a qual teve contato, ou seja, foi a sua língua materna, e que preferem utilizá-la para interagir. Porém, que essa atitude em muitas ocasiões não é aplicada, pois não há interlocutores em todos os ambientes da sociedade. Dessa forma, resta à primeira geração utilizar a língua na comunidade ucraniana, especificamente, na família. No entanto, na família o uso da língua ucraniana é restrito, pois as matriarcas dialogam com os filhos em ucraniano, mas com os netos o mesmo não ocorre. Por isso, os ambientes religiosos, bem como as festas, os momentos de encontro são excelentes ocasiões para interagir na língua materna.

É interessante verificar que os ucranianos da primeira geração não são monolíngües, ou seja, não falam somente a língua ucraniana, mas falam, também, a língua portuguesa. Isso pode ser explicado pelo fato de ter sido uma imigração não muito expressiva com relação à demografia populacional, o que os levou à necessidade de aprender a língua portuguesa, “língua majoritária”, a fim de serem ativos em todos os ambientes da sociedade, e não somente no religioso, pois a aprendizagem dessa língua pode ser símbolo de “*status*” ou símbolo de dominação, como prevê Ogliari (1999:349).

Na segunda geração, notou-se que a maioria dos falantes considera como língua materna o ucraniano, porém percebe-se que ocorre, em algumas famílias, o apagamento dessa língua, com a ascensão do português. Ressalta-se que essa geração, por estar imersa em um ambiente de trabalho, de estudo, em que há a hegemonia da língua portuguesa, fala a língua ucraniana apenas na família e na comunidade ucraniana.

Destaca-se que em uma família entrevistada, cuja matriarca é da primeira geração, e o cônjuge possui nacionalidade ucraniana, os filhos que são da segunda geração por parte de mãe não falam ucraniano, o que é motivo de grande tristeza para a mesma, como se observa na fala da entrevistada: “meu filho andou no seminário e não sabe falar e agora ele vai às vezes dizê porque a mãe não ensinou a falar. Mas meu Deus do céu, mas se isso não é uma facada?” (A.K. em 02/2007).

Na terceira geração, há uma realidade muito heterogênea, pois ainda há falantes de língua ucraniana, porém o grau de intensidade da utilização dessa língua diminui sensivelmente, ou seja, os falantes fazem uso da língua ucraniana com menor intensidade que a língua portuguesa. Para eles, o uso da língua ucraniana relaciona-se, intrinsecamente, com as práticas religiosas. Por isso, os sujeitos dessa geração, no seu cotidiano, por necessidade ou pelo contato cada vez maior com o português, utilizam-no com maior intensidade, o que sugere menor contato com o ucraniano.

Destaca-se nessa geração que aqueles que declararam utilizar a língua ucraniana no seu cotidiano, são os que estão intimamente ligados à igreja, como o Padre e as Irmãs. Ou seja, a língua ucraniana é parte do seu cotidiano, pois a igreja também o é, como se verifica na enunciação, “A todo o momento, na hora que preciso dela eu a uso. Como posso dizer, eu me levanto e faço as orações na língua ucraniana. É um uso diário, no cotidiano” (Irmã L. B. em 02/2007).

Verificou-se ainda que essa geração é marcada pela aprendizagem das duas línguas, (língua portuguesa e ucraniana), simultaneamente, ou seja, a maioria dos informantes, ao serem questionados sobre qual era sua língua materna, responderam que aprenderam o português e o ucraniano ao mesmo tempo, pois as mães os ensinavam desse modo, prevendo uma melhor adaptação desses ao convívio com a família, por meio do ucraniano, e uma socialização eficiente com os vizinhos e com a aprendizagem escolar, através da língua majoritária. Isso é observado na fala de L.M.S.:

praticamente os dois juntos, porque a mãe tanto ela falava em ucraniano como em português. Ela falava em ucraniano e em seguida falava em português pra gente não ter dificuldade, porque já perto da nossa casa tinha pessoas que falavam só português, brasileiro, né? Pra gente não ter dificuldades com os vizinhos, a gente falava as duas juntas. Reza, essas coisas, tudo que ela ia pedir para alcançar, era tudo em ucraniano, agora falar com os outros ela ensinava em português (L.M.S., 11/2006).

Desse modo, é possível inferir que as mães ensinavam as duas línguas aos filhos, para que os mesmos não perdessem contato com a língua dos ancestrais, e sobretudo com a linguagem religiosa, mas também para que não sofressem discriminação por não saber a língua portuguesa ou, até mesmo para não chegar à escola sem esse conhecimento. É evidente então que os descendentes de ucranianos tiveram a preocupação de usar a língua de acordo com o interlocutor.

Na quarta geração verifica-se que há uma hegemonia da língua portuguesa sobre a língua ucraniana, pois há interlocutores que sabem a língua ucraniana, porém declararam que não a aprenderam, integralmente, em casa. Ou seja,

falavam em casa em língua ucraniana, mas no convívio com os amigos, com os vizinhos, a língua que se falava era a portuguesa. Desse modo, a língua ucraniana foi assimilada na família, mas também em contextos formais como em escolas e seminários. Aqueles que não tiveram esse acesso perderam parte daquilo que aprenderam. Esse fato é observado nesse trecho: “Um pouco eu aprendi com os pais. Geralmente eles falavam com a gente em ucraniano. Aprendi a falar em casa com minha mãe, no convívio com os amigos em Prudentópolis, e quando fui para a escola lá se ensinava e falava ucraniano” (P.L. em 04/2007).

No entanto, em uma única família, cujos pais são da quarta geração, a língua ucraniana sobrepõe-se a língua majoritária, no contexto familiar. Uma das hipóteses que explica a manutenção em alto grau da língua ucraniana é o fato de que essa família mora em Cascavel há apenas 12 anos. E além do pouco tempo de residência, é procedente do interior de uma cidade pequena, no Paraná, onde trabalhavam na agricultura. A família era de tradição agrícola, e vivia num ambiente envolvido de parentes e vizinhos, descendentes de ucranianos.

É possível afirmar, que além da religião da família, outro fator de manutenção é verificado pela tradição agrícola da família, pois a agricultura possibilita uma rede menor de interlocutores, ao mesmo tempo em que há uma busca pela identificação com as pessoas daquele ambiente. Além disso, com a exceção da família citada, as pessoas dessa geração afirmam, em sua maioria, que a sua língua materna foi a língua portuguesa.

Para a quinta geração, com exceção de uma família, a língua ucraniana é reconhecida por sua característica funcional, ou seja, ela é passaporte para o conhecimento e o entendimento das práticas religiosas. Assim sendo, essa geração possui uma noção da língua ucraniana que se manifesta por meio da igreja. Na verdade, a relação existente entre a quinta geração e a língua ocorre em grande parte por meio da igreja, pois esses mantêm contato com a língua através da catequese,

da culinária, das práticas culturais com o grupo folclórico *Sonhachneck* e, mais recentemente, com o curso de língua do CELEM.

A ocorrência da perda do idioma ucraniano pode ser favorecida pelo fato de que as gerações mais jovens têm contato, tanto na escola como no trabalho, apenas com o português brasileiro. Por isso, resta à língua ucraniana apenas o espaço da casa, da família, ou somente o espaço da igreja, pois nesta ainda há programações nessa língua. Essa prática de não falar a língua ucraniana traz por consequência a perda de palavras, expressões e termos que, com o passar dos anos, vão sendo substituídos por outros termos da língua majoritária, a língua portuguesa.

As famílias entrevistadas possuem ainda uma proximidade com a língua ucraniana, principalmente entre os idosos. Já entre os mais jovens há a preferência de se usar a língua portuguesa, mesmo sabendo que a sobrevivência da Igreja Católica Ucraniana depende da manutenção da língua.

A língua ucraniana sofreu e sofre um processo de socialização, seja na rede familiar, ou no meio religioso, tornando a prática de utilizá-la na fala, uma tradição. Assim sendo, o grupo de identificação é o familiar e religioso, que conserva a fala ucraniana, o que resulta num desempenho lingüístico bilíngüe.

Salienta-se que as famílias entrevistadas, em sua maioria, utilizam a língua ucraniana, além do ambiente familiar, em manifestações religiosas e festivas da comunidade, por não terem interlocutores em ambientes externos à mesma. Logo, a opção de se falar a língua ucraniana ou a língua portuguesa é marcada pelo fator de se ter ou não alguém com quem se possa interagir. Desse modo, embora haja aqueles que falam o ucraniano, o predomínio é da língua portuguesa, pois os contextos da língua majoritária são mais numerosos, ou seja, o campo de ação é maior, enquanto que o da língua ucraniana é restrito a alguns poucos interlocutores.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finaliza-se este texto, dizendo que pode ser que a língua portuguesa é para o grupo, a língua das relações extra-familiares e formais, ou seja, possui um valor de negociação. Logo, para os falantes bilíngües (ucraniano/português), a opção de se usar uma língua ou outra está relacionada à interpretação ou papel dados a cada língua. Assim sendo, o uso da língua está condicionado pela competência comunicativa que é empregada quando é necessário fazer esse uso.

Para tanto, verifica-se que nas entrevistas realizadas, quando era sugerido aos entrevistados que falassem na língua ucraniana, com raras exceções, os mesmos se sentiam à vontade para se expressar, devido ao fato de que a entrevistadora não era da mesma descendência, e por isso não conhecia a língua. O contrário ocorria se a entrevistadora era acompanhada por alguém que conhecia a língua. Percebe-se que isso não ocorria por resistência em se falar a língua minoritária, mas porque eles não entendiam o interesse da entrevistadora por uma língua não compreendida pela mesma, e também pela vontade de que ocorresse a interação. Por isso, desejavam falar e serem compreendidos. Para tanto, ambos deveriam conhecer o mesmo código, o que não acontecia nesses momentos.

Portanto, a língua ucraniana para os descendentes é a marca da religião que, por sua vez, constitui a identidade étnica do grupo.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1982.

BORSTEL, C. N. von. *Aspectos do bilingüismo: alemão e português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil*. Florianópolis, SC: UFSC, 1992. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *Contato lingüístico e variação em duas comunidades bi-*

*língües do Paraná*. Universidade do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1999. (Tese de doutorado).

\_\_\_\_\_. *Redes de comunicação em situações de línguas em contato*. In: *Varia Scientia*, Cascavel,: v.2, nº 1, 2002.

BORTONI-RICARDO, S. M. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In: TARALLO, F. *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Unicamp, 1989.

CAVALCANTI, M. C. *Estudos sobre a educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil*. DELTA, 15, nº Especial. São Paulo: EDUC, 1999.

DAMKE, C. Variação Lingüística e a Construção do Sujeito. *Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários*. Revista da Jell. Marechal Cândido Rondon: Gráfica Escala, 1998.

GROSJEAN, F. *Life with two language: An introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

HEYE, J. Considerações sobre bilingüismo e bilingüidade: revisão de uma questão. In: SAVEDRA, M. & HEYE, J. *Palavra*. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.

MATOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.) *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.

MELLO, H. A. B. *O falar bilíngüe*. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999.

MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. da C. de. *Restrições estruturais na relação entre [l] > [R] e [R] > 0 em grupos consonantais em português*. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, Unicamp, nº 11, jun. 1991.

OGLIARI, M. M. *Condições de resistência de uma língua minoritária no contexto sociolingüístico brasileiro*. Florianópolis: UFSC, 1999. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. *O bilingüismo português/ucraniano na família: influências sócio- demográficas na situação bilíngüe familiar*. [www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca](http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca). nº 17, 55-78, 2001. Consultado em 15/12/2006.

PEREIRA, M. C. *Naquela Comunidade rural, os adultos falam alemão e "brasileiro". Na escola as crianças aprendem o português: um estudo*

do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada. Campinas, SP, 1999. (Tese de Doutorado).

SKUTNABB-KANGAS, T. *Bilingualism or Not: the education of minorities*. Multilingual Matters Ltda. (English Edition), Cleveland: Avon, England, 1988.